CHAMA

POR DEUS, POR PORTUGAL

Vivemos uma hora única na nossa História e graças a Deus eu vejo a Mocidade consciente do momento que passa. Por isso sou optimista, por isso creio que nada nos vencerá, pois temos na defesa dos mais altos valores nacionais a juventude de Portugal, generosa, leal, heróica, como só ela o sabe ser.

Atacam-nos inimigos declarados, invejosos da nossa paz e da sã harmonia do nosso viver em todas as partes do Mundo; afastam-se do nosso lado povos e nações, esquecidos do que nos devem; há, infelizmente, portugueses traidores capazes das mais torpes alianças e de usar os mais criminosos meios; e desde essa madrugada em que no assalto ao Santa Maria tombou, gloriosamente, João José do Nascimento Costa, já tem corrido muito sangue português.

Mais uma vez Portugal foi chamado a dar testemunho do valor dos seus filhos, a sacrificar-se pela missão histórica que, ao serviço de Deus e da fé católica, o mantém unido por tão diversas paragens onde, para além das diferenças de raça, pulsa o mesmo coração português.

Actos criminosos como o assalto armado a um navio indefeso, ofensivas terroristas como as que em Angola derramaram o sangue de tantas vítimas inocentes, atitudes dúbias, onde não sei que mais admirar se o espírito de traição, se a cegueira de homens, não serão capazes de nos desviar do caminho que a história nos traçou e que tem sido a nossa razão primeira de existência como nação independente e civilizadora.

Ergue-se contra nós a força de muitos estados, mas pela frente encontraram uma nação que já tinha séculos de existência quando eles ainda eram ignorados pelos povos civilizados e que já ao mundo tinha dado lições de valentia, de lealdade, de patriotismo.

É na nossa consciência nacional que reside a maior força com que no momento presente podemos enfrentar a ofensiva dos nossos inimigos e seus aliados e, porque a vejo bem viva na alma da gente moça, eu não duvido que nesta luta que outra maior jamais travámos, nos dirigimos para a maior vitória de Portugal. É que do Minho a Timor, passando por essa Angola martirizada, um grito se ouve, em resposta ao chamamento da Pátria, grito esse que, dado por milhares de rapazes, brancos, negros e amarelos, numa união de sentir que espanta o mundo, se repercute em todos os continentes:

— Presente!

Presente por Deus, presente por Portugal.

L. C.

Palavras do Comissário Nacional para a »Chama»

Nestes breves momentos quero dizer que me sinto bastante satisfeito por felicitar os redactores do jornal «Chama», publicação do Centro Escolar n.º 2 que eu leio sempre com verdadeiro interesse.

É uma publicação que honra a Mocidade e faço votos para que continue com persistência a procurar melhorar cada vez mais para prestígio do nosso querido Centro.

Para terminar, que consiga transmitir aos nossos filiados mais novos a chama viva que vos anima.

3

DIRECTOR LEITE DE CASTRO

CHEFE DE REDACÇÃO C. C. PAULO PAIS N. PROENÇA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)

11 DE ABRIL DE 1961

Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

Palavras do Dr. Carlos Coelho na festa do Patrono do Centro

Quando o Sr. Reitor do Liceu e Director deste Centro, e o Dr. Leite de Castro, vosso professor e Director da Casa da Mocidade, me convidaram para vir fazer-vos uma conferência nesta sessão comemorativa, do Patrono do Centro Escolar n.º 2, o Alferes-Mor, Duarte de Almeida, retorqui-lhes, clara e peremptòriamente, que não.

Disse-lhes das razões, mas acrescentei, logo, que teria, no entanto todo o prazer, em vir confraternizar convosco, neste dia, através de um convívio em que, despretenciosamente, se inserissem, algumas palavras simples e fugidias, de amiga exortação, de um camarada de ideais, não obstante a longa margem de anos que nos separam.

Só assim condescendi em subir aqui. Doutra forma estaria aí, no meio dos filiados.

Faço esta prevenção, não tanto por Vós, mas por aqueles que, tendo recebido o convite para aqui estarem, veriam iludida a sua expectativa, se interpretaram, rigorosamente à letra, a designação com que ali sou citado, e que, vamos lá, diga-se sem azedume, não respeitou a combinação que fizemos.

Não venho pois fazer um discurso nem proferir uma oração de sapiência. Trago-vos, apenas, algumas palavras de amizade e conselho, de estímulo e alertamento para as obrigações que já agora pesam sobre vós, e ainda para as tarefas árduas que o futuro possa reservar-vos e nós, os mais velhos. Haveis de as saber enfrentar com dignidade e portuguesismo.

Mas não se pensa, nem se deseja que destes encontros, que muito importaria tornar mais frequentes, resultem consequências que actuem apenas num sentido unilateral.

Pelo contrário, tenho para mim como certo, serem recíprocas as vantagens que deles se colhem. Porque, se a juventude espera, e tem uma palavra a ouvir, daqueles, que, curtidos pelo tempo, amealharam um cabedal de ensinamentos e experiências, que é seu dever transmitir aos novos, também nós, os mais velhos, de espírito aberto e compreensivo, para as peculiares manifestações da mocidade, vimos retemperar, no alvoroço dos vossos anseios e ao calor do vosso entusiasmo, as ilusões e energias que os anos tendem inexoràvelmente a desgatar.

E eu não sei de ambiente mais propício para aproximar, em torno de ideais comuns, aqueles que pela idade tendem a desencontrar-se, do que o clima que é possível viver-se, na Mocidade Portuguesa, em que, filiados, graduados, dirigentes, por imperativo da própria Organização, têm de entregar-se, sem peias nem limitações, a um convívio frequente, franco, amigo, de recíproco auxílio e compreensão.

Escusado dizer-vos, com quanto simpatia olho a Organização da Mocidade Portuguesa!

E penso, sinceramente, que não obstante as suas possíveis falhas e imperfeições — nanja de espírito, mas dos processos; não obstante o desinteresse e indiferença de alguns, que tinham o imperioso dever de a servir e apoiar, e até para além das forças da desagragação e do erro que, premeditadamente, a guerreiam — e sabemos bem porquê — para além de tudo isto, a Mocidade Portuguesa apresenta-se alicerçada, num tal sumatório de indestrutíveis princípios e virtudes, que, penso sinceramente, repito-o, pode desempenhar, e cada vez é mais premente que o assuma inteiramente, um papel primordial, na educação e formação moral da juventude.

Acompanhei, como espectador, atento e interessado, as cerimónias que assinalaram, no sábado passado, a inauguração da vossa Casa, a Casa da Mocidade.

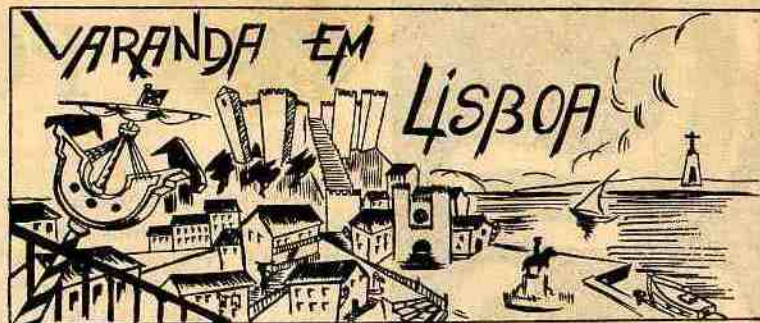
E tenho ainda viva e presente a impressão que me ficou desses actos festivos.

De alegria, por ver surgir, nesta cidade, mais um instrumento, com que a Mocidade passou a contar para a sua valorização? Com certeza que sim. Mas, algo de mais consolador e significativo, pude ainda prescrutar e reter naquele dia.

Falaram-vos muitos dirigentes, não vos falando sequer a presença e a voz do mais categorizado entre tantos, o vosso Comissário Nacional.

Vós os ouvistes e eu os ouvi. Em sua maneira própria, ao sabor das suas preferências, ou ao correr da

(Continua na 8.ª página)

O Dr. Carlos Coelho no uso da palavra

I — ABERTURA

Este trabalho foi escrito em Lisboa onde, alheios a preconceitos, os acontecimentos covilhanenses chegam dia a dia, utilizando para tal os meios ao seu dispor.

Na minha *«varanda»* vejo-os passar, admirando-os na sua essência, separando o útil do mesquinho, e registando no meu espírito a sua ideal realização. Não me conhecem e nem sequer em mim reparam, mas a minha curiosidade penetra no seu íntimo e, por vezes, tem de lhes tirar a pesada capa camufladora. Algo de mais importante, algo que transcenda o corriqueiro merece maior concentração espiritual e, em certas ocasiões, o papel suga o trabalho do pensamento. Conforme chegam, assim partem, sendo posteriormente traduzidos à luz duma «Chama», que há-de luzir sempre para incendiar os corações da Juventude da Covilhã num fogo perpétuo de formação integral.

Tu, graduado amigo, que mais de perto acompanhas o desenrolar quotidiano das nossas actividades, poder ter a certeza de que sempre que desejes saber algo do que se vai passando nas complicadas secretarias dos serviços centrais, ou pretendas achar resolução para problemas que transcendam o âmbito local, e lances esse apelo aos quatro ventos, ele será captado quando passar junto desta *«varanda»*, obtendo sempre uma resposta nascida na vonta de servir.

II — CASA DA MOCIDADE

Foi grande o interesse pela abertura da Casa da Mocidade. Algumas foram as datas indicadas, sempre ao acaso, para tal realização. Há quem trabalhe e há quem cruze os braços à espera do resultado final. Sempre assim foi e, creio que o fim desta regra não estará próximo. Como temos de considerar o facto natural não adiantam ilusões. Comum é também que os louros da vitória, obtidos na tarefa realizada, recaiam em mãos estranhas e, muitas vezes estas não deixam de colocar às escondidas um ou outro espinho. O certo é que a verdadeira recompensa está na razão directa da consciência individual, não estão de acordo?

Os benefícios resultantes da abertura de uma Casa para jovens são sempre um bem para a Sociedade, e a acção benéfica é incomparàvelmente superior, quando os fins a que se propõe são idênticos aos que a M.P. pretende: formação integral da Juventude. Assim naquele ambiente, eles aprenderão a amar a Família, a Escola e a Igreja, esta última sem preconceitos de religiões mas sòmente doutrinários; ali, saberão o que a Pátria lhes pede e qual o seu significado, nunca esquecendo o que a hora presente relembra — Portugal ensina ao Mundo que um país se forma por províncias, independentemente da situação geográfica; ali aprenderão muito mais, para complemento à sua vida escolar. O método de ensino é fácil: a diversão ajuda a formar.

Desta acção muito há-de resultar, mas para já, na Covilhã, o importante é que aprendam o que significa a Camaradagem, neste caso relacionada com os próprios estabelecimentos de ensino, estendendo-se mesmo, mais tarde, aos Extra-Escolares. Na M. P. não há alunos ou empregados mas sim filiados. O fruto será tanto maior quanto mais os jovens disso se compenetrem e o ensinem às próprias Famílias.

Quando tu, filiado leitor, subires os degraus que te conduzem às Salas, apelidadas com maiores ou menores designações, não esqueças que aquilo é teu e que, consequentemente, tens de saber o que te compete. A tua posição é dupla: Senhor e estranho. Colabora sempre, para que a tua Casa progrida. Quando chegares à varanda, ou te debruçares numa janela, respira o bom ar serrano, renova as energias e volta para dentro: o trabalho chama por ti.

III — PÁGINA DOS ANTIGOS

Foi com grande satisfação que ao ler o primeiro número deste jornal nele encontrei uma secção dedicada aos antigos. Penso que é a primeira vez que tal se faz e espero que o exemplo fortifique.

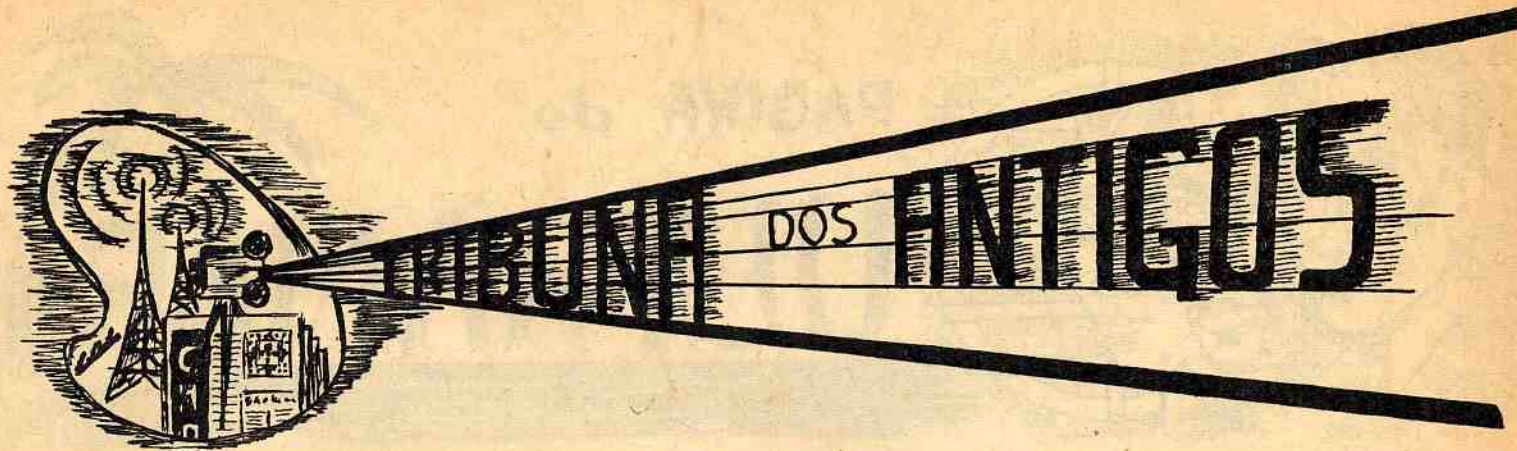
Sabem, certamente, que se fica sempre ligado àquilo a que se pertenceu, e mesmo ainda que sejamos considerados estranhos vivemos os momentos actuais do que já foi nosso. Se a hora é de alegria, o coração sente-se satisfeito, mas, pelo contrário, se a vida não correr como é desejada, também se não esquece, e a resposta à chamada será a mesma.

O nosso orgulho é tão grande e a consciência sente-se tão calma quando nos é permitido fazer algo para que a situação melhore que, sem olhar a sacrifícios, qualquer um abraçaria o que lhe fosse destinado como algo inerente à sua existência. Acontece frequentemente que esta realidade não é compreendida por quem, mercê das suas funções, mais devia encarar este facto. Quantas ofertas se recusam, quantas vontades se perdem. Surge, como justificação, o conhecido argumento — queremos governar-mo-nos com a prata da casa». Dir-se-ia cópia benfiquista... Outros vão mais longe, e chegam a acusar de revolucionários os que confiadamente se dispõem a contribuir para o bem alheio. Isto só, é um qualificativo.

A idealização fica de pé: que os orgulhos se abatam e se abram as portas a *todos* que conscientemente queiram entrar.

IV — O USO DA FARDA

Ao debruçar-me na leitura do número dois deste jornal, deparei com a fotografia de uma filiada da vossa congénere feminina. Esqueçamos o motivo da sua presença e

(Continua na 6.ª página)

A educação

A educação das «massas juvenis» é, sem dúvida alguma, uma das preocupações mais insistentes, adentro dos quadros governativos de todos os países do mundo actual. E os chefes olham com tanto interesse a educação da juventude, porque estão certos (e têm razão) que o futuro está nas mãos dos jovens de hoje, da formação que a juventude receber, dependerá a maneira como os diferentes países prosseguirão na sua rota, rumo ao misterioso e incógnito futuro, que nos guarda revelações tão admiráveis, quando o homem pretender ir bebê-las e puder explaná-las aos outros, como os navegantes portugueses mostraram novos mundos ao mundo.

A juventude de ontem, como a de hoje, é sonhadora e está disposta a sacrificar-se, desde que o seu sacrifício pugne por altos ideais.

Muitas vezes, facilidades em excesso, a não exigência de sacrifícios, o aplanar de caminhos, que se deviam manter pedregosos, são males que vêm levar muitos jovens a serem uns falhados na vida, uns desertores das fileiras, que pugnam por justas e boas causas... enfim, uns iludidos, julgando real a ilusão, julgando certo o errado.

O que é preciso é formar a juventude, com sacrifício, de tal maneira que haja sempre jovens dispostos a SERVIR, nem que isso exija o holocausto da própria vida.

A morbidez, a indiferença e o comodismo, que, de uma maneira avassaladora grassam na juventude hodierna, são, sem dúvida alguma, grandes males — grandes males, que só serão curados, quando lhes aplicarem grandes remédios!

E, é muito urgente o sarar destas feridas por intermédio duma exigência progressivamente dificultada.

Quando desejarmos ter uma ju-

(Continua na 6.ª página)

Depoimento

Tendes, como eu, assistido ao descalabro total, ao ruir da Civilização Ocidental — civilização que abandonou os princípios tradicionais da orientação que a tornaram grande e fizeram dela a defensora dos valores mais sagrados, como sejam: o gosto pelos altos ideais onde o Homem entra em comunhão com a Beleza, com a Verdade, com o Sentimento da Solidariedade, enfim com as verdades donde pode tirar maiores e melhores benefícios para a sua perfeição, espiritualizando-se e defendendo-se das cadeias da matéria que o arrastam ao egoísmo e às mais rastejantes solicitações do instinto humano.

Importa, nesta hora crucial da nossa existência, não olvidar o sentimento da solidariedade pelo qual as pessoas procuram a amizade e timento da solidariedade, pelo qual

(Continua na 5.ª página)

PRESSENTIMENTO

É noite. Cai chuva. Solidão!
Estrelas espreitam luminosas.
Ouço latidos na escuridão.

Ao longe sombras dançam misteriosas,
ao perto existo eu e o meu ser
e as ideias minhas conflituosas.

Próximo falam árvores, o vento as tange
e o ser do nada tudo isto abrange.

— Que estranho se se pudesse ver!

Alberto A. Branquinho
(A.C.C.)

ESTRELINHA

Corre,
Pára,
Escorrega
e desliza, suave no negro calmo das noites...
Extingue-se na luz das madrugadas lentas.
É pura e inocente.
Resplandece como o mais belo diamante
e não se cansa de saltar, lá longe!
— Olha, lá vai, vês?
Eu queria ser como ela, Mãe!
Queria,
sim...
Queria ir brincar para além,
para ao pé daquela estrelinha distante,
longe do mundo,
da inveja
e da hipocrisia,
— na liberdade dos astros!
Queria atravessar toda a terra
e encontrar-me, lá no alto,
com sonhos e esperanças,
cintilar por entre prismas de cristais
finos e gelados;
Subir e descer montanhas transparentes,
e só voltar para descansar
no teu regaço, Mãe!

TININHA F. P.

Os antigos graduados no Centro

Os antigos graduados e chefes de secção visitaram o nosso Centro, onde prestaram serviço, tendo sido recebidos pelos dirigentes e actuais graduados.

Depois de terem apresentado cumprimentos ao Director de Centro a quem o C. G. Joaquim Baptista ofereceu, em nome de todos, uma pequena lembrança, tomaram parte num jantar de confraternização.

Falam portugueses do Ultramar

Nesta nossa página passamos a publicar a opinião de camaradas Universitários, que, sendo naturais das províncias ultramarinas portuguesas, se preparam na Metrópole para a vida profissional.

Registamos hoje as palavras de um moçambicano que desde pequeno foi para a India Portuguesa e que, mercê do seu valor, grangeou no continente as maiores simpatias, ocupando dentro da nossa Organização o primeiro lugar entre as Graduados.

Zózimo Justo da Silva
Lourenço Marques
3.º ano Administração Ultramarina
Comandante de Falange
Comandante do Corpo Nacional de Graduados
Ajudante de Campo do Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar
Medalha de Dedicação
Medalha de Assiduidade

— Sendo profundo conhecedor de jovens, gostávamos que nos indicasses qual a tua opinião sobre a maneira como a juventude encara o problema ultramarino.

— Como sabes, por «problema ultramarino» pode entender-se um complexo de problemas inerentes ao Ultramar ou um só determinado problema, pois o Ultramar é susceptível de ser analisado em muitos prismas, tal é hoje o número de problemas específicos e importantes que temos de encarar.

Creio, assim, que pretendes saber a minha opinião de como a juventude encara o Ultramar nos seus problemas internos e internacionais.

Para te responder, começo por perguntar, a mim mesmo, se a juventude conhece esses problemas para os poder encarar.

Tendo eu nascido em Lourenço Marques, onde vivi 12 anos, passado 6 anos em Goa e estando agora na Metrópole, tenho fortes razões para crer que, na sua maioria, a juventude, seja ela do Continente como do Ultramar, mal conhece os problemas da sua própria terra e muito menos os do mundo Português.

Daí a juventude não estar apta a emitir um juízo de valor quanto aos problemas do Ultramar, apreciados à luz da razão e da Ciência.

Urge, pois, que se dê a conhecer ao jovem português, desde os bancos da escola primária até à Universidade, tudo sobre a grande comunidade portuguesa. Que se crie a consciência de que as fronteiras de Portugal são: a Norte—o Continente; a Sul—Moçambique; a Este — Timor e, a Ocidente, Cabo Verde!

Ensinar à gente moça, quer ela seja de Trás-os-Montes, quer seja de Macau, os usos e costumes das gentes portuguesas, a sua organização social, a economia das terras e tantas mais noções indispensáveis—é um dever que a cada um

(Continua na 7.ª página)

Memórias do Cruzeiro Gago Coutinho

III — MASSANGANO, VIVEIRO DE HERÓIS

O Zé Manel saiu e eu continuei na mesma expectativa, tentando captar o que soava no éter. Fiquei então sabendo que no dia seguinte encetaram nova jornada, esta agora com carácter patriótico: visita a Massangano.

Pelas 6 e 30 da manhã chegaram à estação dos caminhos de ferro, onde se lhes deparou um animalejo metálico, muito diferente daqueles que atravessam o território metropolitano, com carruagens muito pequenas, todas abertas e sem nenhuma espécie de conforto. Toda a *«malta»* ficou entusiasmada com a perspectvia de uma viagem naquele *«calhambeque»*, um *«D. Elvira»* em relação ao nosso *comboio do peixe*. No entanto, em breve recebiam um autêntico balde de água fria: aquele meio de transporte estava ultrapassado; o Cruzeiro ia viajar numa automotora especial até ao Dondo, grande centro comercial angolano a cerca de 200 kms. de Luanda. Esperavam a caravana o Comissário Provincial Adjunto e outros dirigentes, bem como autoridades locais. As poucas

Ruínas de Massangano

dezenas de quilómetros que separam Massangano daquela localidade foram percorridas em jeeps e num «machimbombo» (autocarro).

Chegados a Massangano começaram por visitar o I Campo Internacional de Trabalhos, onde belgas, franceses e portugueses se dedicavam a pôr a descoberto as ruínas soterradas. Em seguida, na Igreja de Santa Maria da Vitória, como outrora o fizeram Paulo Dias de Novais e tantos outros Heróis, ouviram Missa, enquanto que os sinos, entoando um cântico em louvor e honra de quantos por ali haviam passado, espalhavam sons inconfundíveis, que jamais serão esquecidos. Dentro do Templo, enquanto o Sacerdote colocava no altar o próprio Deus, uma multidão de andorinhas esvoaçava sobre as suas cabeças, estranhas a tudo

(Continua na 7.ª página)

NOTA DA REDACÇÃO

No momento em que a nossa província de Angola vive as mais trágicas horas da sua existência todos os que trabalham na redacção da «Chama» se encontram em espírito, ligados aos seus irmãos angolanos.

O sangue inocente que já correu, os crimes horrorosos que se cometeram, o martírio de alguns sacerdotes que por serem católicos, embora estrangeiros de nascimento, testemunham, por um lado, as intenções e a moral dos nossos inimigos, por outro, evidenciam a razão que nos assiste.

Os nossos irmãos de Angola, que tão heròicamente perderam a sua vida por um Portugal maior, tinham, no momento supremo do seu sacrifício, a dar-lhes fé e coragem, não só a consciência do cumprimento do seu dever de católicos e de portugueses, como a certeza de que a sua morte não seria em vão, pois tombando por uma Angola portuguesa davam a vida por Deus, por Portugal e pela civilização.

Felizes as nações como a nossa que, perante os perigos que tem de enfrentar, mantêm a sua unidade cada vez mais viva e se preparam pela sua defesa a suportar todos os riscos.

Nós não atraiçoaremos, não capitularemos e, hoje em Angola, como ontem na India, estamos todos prontos a dar a vida por Portugal.

Paulo Proença (C. C.)

O COMISSÁRIO NACIONAL INAUGURA A CASA DA MOCIDADE

No dia 25 de Fevereiro a Ala da Covilhã viu realizada uma das suas maiores aspirações — a inauguração da Casa da Mocidade.

Não pretendo justificar nesta breve reportagem a necessidade de tal empreendimento, por demais evidente.

Permito-me, contudo, fazer um voto bem sincero — que a Casa da Mocidade da Covilhã, ponto natural de reunião dos filiados da Ala, faça desenvolver o maior espírito de união entre todos, em volta dos altos ideais da M.P., que devem superar pequeninas diferenças de acção ou pensamento.

Pouco depois das 15 horas, o nosso Comissário Nacional chegou à Rua Marquês de Avila e Bolama acompanhado pelo Delegado Distrital da M.P. da Divisão de Castelo Branco, Subdelegado Regional do Fundão, Dirigentes da Ala de Castelo Branco e pelo seu Ajudante C. F. Libertário dos Santos Viegas.

Fala o Comissário Nacional

Aguardavam-no o Dr. José Ranito Baltazar, Presidente da Câmara da Covilhã; Dr. Carlos Coelho, Deputado da Nação; Eng. Ernesto Melo e Castro, Subdelegado Regional desta Ala, Dr. Fernando Rui Corte Real e Amaral, Delegado do I.N.T.P.; Comandantes da P.S.P. e da Legião Portuguesa, respectivamente Tenente José de Medeiros Festa Jor. e Dr. José de Jesus Martins; Dr. Fernando Bernardo Panarra, em representação do Director do Colégio do Centro Escolar n.º 2; Dr. Manuel Castro Martins, Director do Colégio Moderno e do Centro Escolar n.º 3, A.Q.G. Leite de Castro e C.B. Vítor Boga, comandante da divisão de Castelo Branco.

Ouviu-se a Marcha da M.P. e o Comissário Nacional passou revista à guarda de honra, constituída por quatro castelos sob o comando do C.B. António Diamantino Ramos Gonçalves.

Depois as entidades oficiais dirigiram-se para a Casa da Mocidade onde aguardava o nosso Comissário Nacional a Subdelegada Regional da M.P.F., procedendo-se, então, ao corte da fita simbólica e à bênção da Casa pelo A.Q.A.R. Padre Joaquim dos Santos Morgadinho.

Teve, em seguida, lugar uma sessão solene em que falaram o Subdelegado Regional, o A.Q.G. Leite de Castro, Dirigente deste Centro e que, anteriormente, tinha sido empossado da direcção da Casa, e o Comissário Nacional.

Foi lida a Ordem de Serviço n.º 5 da Subdelegação Regional, que louvava o C.B. Vítor Boga pela acção desempenhada em prol desta Casa da Mocidade.

Depois de uma visita às instalações, teve lugar na Capela de S. Martinho uma cerimónia religiosa onde se cantou o Magnificat e proferiu uma alocução o A.Q.A.R. Padre Joaquim Morgadinho.

Aguardou-se a chegada do Senhor Governador Civil que, depois de ter visitado a Casa, acompanhou as entidades presentes nos cumprimentos à Câmara Municipal.

Depois da visita aos Paços do Concelho, serviu-se um aperitivo no Restaurante Solneve.

À noite foi oferecido um jantar ao nosso Comissário Nacional, em que estavam presentes os Senhores Governador Civil, Presidente da Câmara, Deputado Dr. Carlos Coelho, Procurador à Câmara Corporativa José Nunes Torrão, Delegado do «Jornal do Fundão» na Covilhã e que representava o seu Director, e outras entidades.

Aos brindes usaram da palavra o Delegado Distrital, o Subdelegado Regional, o Dr. Fernando Panarra, em representação do Director do Centro Escolar n.º 2, o Director da Casa da Mocidade e o nosso Comissário.

Findo o jantar, foi entoada em coro a Marcha da M.P.

Paulo Proença
(C. C.)

Depoimento

(Continuação da 3.ª página)

amam as sociedades onde nasceram e se foram desenvolvendo, sociedades essas englobadas e sucessivamente encadeadas umas nas outras, tais como a Família, a Religião e, por último, a Nação.

Esse sentimento de solidariedade gera a unidade e o amor à História Pátria, conduzindo à ideia de que estamos ligados aos nossos ancestrais por laços de sangue, de família e de comunidade de interesses e aspirações.

É uma força profundamente enraizada no nosso espírito e que a todos nos traz unidos e coesos, portadores de uma indestrutível sentimentalidade de união.

Esquece-se hoje este sentimento tão caro e tão alto. Temos que regressar a ele; senão, perder-nos-emos. Temos que fazer os outros regressarem a ele; senão, perder-se-ão.

Para tanto, é preciso muito trabalho — Servir — embora a isso muito nos custe — Sacrifício.

Não importa; maior será a satisfação do cumprimento do dever. Mas pergunto: Servir e sacrifício não são os lemas que sempre nos nortearam no caminho da Verdade e do Bem?

Assim o creio.

Carlos Eduardo Silva P. Coelho
(C. C.)

«Luzeiro»

Sob a direcção do Dr. Malcata Julião começou a publicar-se em Castelo Branco o jornal «Luzeiro», órgão do Corpo Distrital de Graduados da M.P.

«Chama» felicita a Delegação Distrital por tão alta iniciativa e augura ao seu novo colega as maiores felicidades.

A chegada do sr. Governador Civil

Na Capela de S. Martinho

MOVIMENTO

V CURSO DE ARVORADOS EM COMANDANTE DE CASTELO

O nosso V curso de arvorados em comandante de castelo teve por Patrono Salvador Correia de Sá e por divisa Portugal Uno.

O curso, dirigido pelo A.Q.G. Leite de Castro e comandado pelo C.B. Silva Esteves, teve uma frequência de 28 filiados, maiores de 12 anos.

Mereceram a sua promoção a arvorados os seguintes chefes de Quina:

MUITO APTOS

José Manuel Trindade Ferreira
José Luís Pimentel de Carvalho
José Alberto Tavares de Azevedo

APTOS

Rui Manuel Mendes Ribeiro
Pedro Álvaro Mangano Monteiro
Carlos Alberto Rodrigues Madeira
José Manuel de Jesus Vicente
José Manuel de Jesus Vargas
Manuel Pomba Rito
José Manuel Fazendeiro
Rui Fernando Lopes Saraiva

IV CICLO DE PALESTRAS DE FORMAÇÃO CORPORATIVA

Tem decorrido com grande interesse por parte de todos os filiados o IV Ciclo de Palestras de Formação Corporativa de que é orientador o Dr. José Casinha Nova.

Na sessão de abertura a que presidiu o Dr. Corte Real, Delegado do I.N.T.P. estiveram presen.es o Senhor Reitor, Dirigentes do Centro e professores do Liceu. O Dr. Corte Real e Amaral depois de louvar a iniciativa dirigiu aos filiados uma vibrante exortação de fé nacionalista e corporativa.

No decorrer deste ciclo o Dr. Casinha Nova proferiu, já, as seguintes palestras:

A Revolução Corporativa
Porque somos revolucionários?
Corporativismo e Cooperativismo
Estrutura do Corporativismo

II CURSO DE CHEFES DE QUINA

Sob a direcção do A.Q.G. Leite de Castro e comando do C.B. Manuel da Silva Esteves tem funcionado neste Centro o II curso de chefes de quina que este ano teve por Patrono D. Pedro de Menezes e por divisa «Defenderemos a Praça».

Frequentam este curso 57 filiados.

Por o mau tempo não ter permitido a realização do acampamento da Páscoa só no decorrer do 3.º período escolar é que terão lugar as provas finais deste curso.

DR. ABILIO DOS SANTOS ARAÚJO

Foi transferido para o Liceu Alexandre Herculano da cidade do Porto o Dr. Abílio dos Santos Araújo, instrutor de higiene escolar e primeiros socorros, nos nossos cursos de arvorados.

Durante três anos serviu, desinteressadamente, o Centro tendo-lhe os filiados no momento da sua

partida testemunhado o seu apreço e gratidão.

DR. JOÃO NUNO DE MELO AIRES ABREU

O Dr. João Nuno Aires Abreu, novo médico escolar do Liceu, acedeu, gentilmente, em ser o instrutor de higiene e primeiros socorros nos nossos cursos de arvorados e chefes de quina.

AGRADECIMENTO AO C.C. PAULO PROENÇA

O Director de Centro, tendo sido informado do esforço dado pelo C.C. Paulo Pais Nunes Proença na elaboração do 3.º número da «Chama», trabalho a que dedicou a maior parte das suas férias da Páscoa, fez público o seu agradecimento em Ordem de Serviço e apontou a todos os filiados o seu exemplo de colaboração e de sacrifício a bem da Mocidade Portuguesa.

O Comandante da Legião na redacção da «Chama»

O Comandante do Terço da Covilhã da Legião Portuguesa, Dr. José de Jesus Martins, visitou o nosso Centro e esteve na redacção da «Chama», tendo tido para todos os que trabalham neste jornal palavras de estímulo e simpatia.

Varanda em Lisboa

(*Continuação da 2.ª página*)

façamos algumas considerações àcerca da maneira como se apresenta.

Somos em crer que nenhum fotógrafo surpreendeu tão gentil rapariga num local onde lhe não fosse permitido o uso da boina que faz parte do seu uniforme. Igualmente nos custa acreditar ter sido sua intenção desejar que o modelo do penteado ficasse bem acentuado ou que tal peça do fardamento lhe estragasse o sorriso. Qual a razão, portanto? Esquecimento? Ignorância? Não o sabemos e, o caso não tem importância de maior, antes serve de tema para podermos recordar figuras bastante tristes, que certos rapazes, dizendo-se fardados ou pensando-se como tal, fazem por essas ruas. Neles muito menos se justifica o «andar na moda».

Quais as causas? Porquê permitir tais abusos?

Deixamos às vossas consciências, senhores Dirigentes e amigos Graduados, a reflexão sobre estas questões.

M. G.

Estamos certos que o leitor também ficaria admirado se encontrasse três filiados igualmente uniformizados!!!

A educação

(*Continuação da 3.ª página*)

ventude robusta, física e anìmicamente, então formemo-la na dura escola da vida.

Para termos uma juventude bem educada primeiro há que ter o cuidado de edificar um quadro de educadores, que, acima de instrutores da matéria A, B, ou C, saibam aproveitar todas as ocasiões para inculcar, no espírito dos jovens, o amor a Deus, à Pátria e também à Família.

É assim a verdadeira educação, sempre progressiva, mas sempre baseada no espírito da tradição que já guiou os nossos maiores e que, se Deus quiser, há-de ser o «norte» orientador do futuro do nosso querido PORTUGAL.

Sem dúvida, necesitamos de verdadeiros mestres que, descendo até aos alunos, permitam que estes se elevem até eles na confiança plena.

Há, que fazer uma consciencialização da juventude; há que dar-lhe responsabilidade; há que pô-la em acção; mas, sem dúvida, o primeiro passo é acreditar nos jovens, confiar no futuro.

Jorge Baptista Bruxo
(C. B.)

FALAM PORTUGUESES DO ULTRAMAR

(Continuação da 4.ª página

urge realizar na prossecução dos altos interesses da Nação.

Para isso a muitos meios se pode recorrer. Porém, a um apenas me vou referir: à organização de bibliotecas, de exposições, à distribuição de livros e de folhetos, à projecção de filmes — tudo sobre o Mundo Português — que seja levado às populações das aldeias do Continente, das Ilhas e do Ultramar, em veículos adaptados para esse fim.

As vantagens talvez não fossem as ideais, mas creio que o povo ficaria mais elucidado do que na presente momento.

Experiências semelhantes têm feito várias organizações. Os êxitos alcançados demonstram-no-lo a UNESCO e a NATO com as suas caravanas que percorrem o Mundo em todas as latitudes.

— Sabemos que a M.P. tem desenvolvido, ùltimamente, uma campanha não só de intercâmbio com o Ultramar, como também de assistência social e cultural aos rapazes que, sendo do Ultramar, prosseguem os seus estudos na Metrópole.

Que pensas dessas actividades?

— Penso que essas actividades vêm preencher uma lacuna que há muito se fazia sentir.

Contudo, os esforços para preencher esse vácuo são dignos dos maiores aplausos, embora a obra esteja longe de ser completa.

É bom que notes que essa obra, para além das responsabilidades que cabem ao Estado e à M.P., deve ser prosseguida por todos os portugueses, especialmente por nós, estudantes.

Há mil e uma formas de se poder contribuir para a construção desse «edifício».

Individualmente, ou integrado num plano prèviamente estudado, creio que cada um de nós poderá fazer algo nesse sentido.

Apelo para a gente moça e confio!

— Se não nos achas indiscreto, gostaríamos de conhecer as razões que te levaram a dedicar a tua vida profissional à causa ultramarina.

— Trocar a Engenharia Químico-Industrial pela Administração Ultramarina poderá parecer estranho especialmente para quem, como eu, sonhou construir um futuro à base duma acção técnica, já que estamos numa era em que o avanço da indústria determina a evolução dos países e, consequentemente, a melhoria da vida dos povos.

Porém, a poucos meses do fim do meu curso, não estou arrependido.

As ciências político-sociais deram-me a conhecer especialmente a nossa comunidade — o Mundo Português — na sua ordem interna e internacional. Abriram-se-me perspectivas duma maior e melhor compreensão dos nossos problemas no sentido de poder contribuir para a resolução dos mesmos.

Dedicar ao Ultramar, no sentido de o valorizar em todos os seus aspectos dentro da comunidade portuguesa, é um dever de todos os cidadãos portugueses.

Para além disso, orientei o meu futuro para o Ultramar, pois não se compreende que não sejam os jovens do Ultramar os primeiros a trabalhar pela terra que lhes serviu de berço. Há sempre um amor pela terra que nos viu nascer, bem como pela dos nossos avós.

— Como colaborador-director do nosso Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar, e, mais recentemente, como Comandante do Corpo Nacional de Graduados, os jovens da Covilhã gostariam de ouvir a tua palavra de ordem para executarem a sua missão no plano de acção que compete à juventude.

— Quanto ao Ultramar, o meu desejo é que os jovens da Covilhã se preocupem em conhecer as terras portuguesas d'além-mar e que as estudem nos seus diversos prismas na medida das possibilidades dos seus conhecimentos.

Creio que só assim estarão aptos para compreenderem os problemas ultramarinos e poderem emitir uma opinião sobre os mesmos.

Como fonte de informação geral, poderão recorrer, quando o necessitem, entre outros departamentos, à Agência Geral do Ultramar — Lisboa 2.

Na hora em que vivemos, a indiferença quanto a esses problemas é uma negação e traição aos grandes e sãos princípios que têm ditado a construção de PORTUGAL UNO!

É para os graduados que vai a minha última palavra desta entrevista. Para além de uma voz de comando é a de um português.

Por isso aqueles que se orgulham de ser graduados que cumpram os seus deveres: — os de jovens, chefes de outros jovens, e os de cidadãos portugueses, o futuro da Nação.

2.º número da «chama»

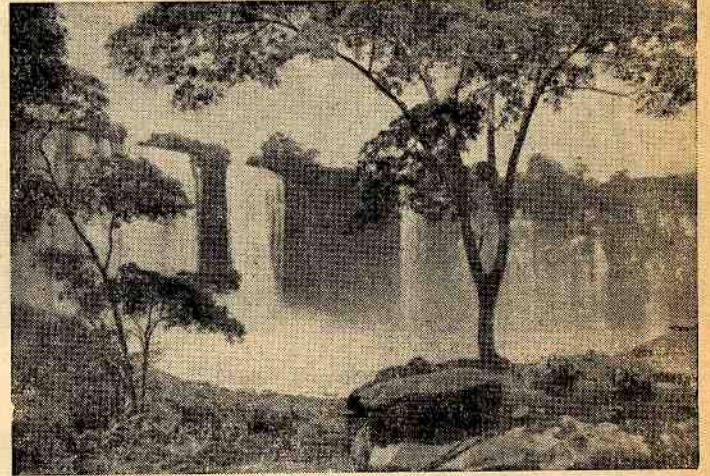
Referiram-se ao 2.º número da «Chama» com palavras que muito nos sensibilizaram e nos servem, sobretudo, de incentivo para prosseguir a Emissora Nacional (E.R.C.), o «Jornal do Fundão», a «Voz de Lamego» e o «Talha Mar».

Memórias do Cruzeiro Gago Coutinho

(Continuação da 4.ª página

quanto se passava, cantando louvores no seu chilrear, individualizando mais o cântico e impressionando os assistentes.

Frente à Fortaleza, único local pazes no meio daquele espírito que nós tanto desejamos haver entre a M.P. e a M.P.F. De salientar, que na altura ainda não existia em Angola a M.P.F.

A paisagem deslumbrou-os e sai-

As quedas de água do Duque de Bragança

português onde nunca a Bandeira Portuguesa foi arreada, em sentido, acompanhados por todos quantos ali se encontravam, prestaram homenagem aos que ali defenderam tão heròicamente a Pátria. Ao longe, os sinos continuavam com a sua linguagem misteriosa.

IV — MALANGE, O NOSSO PRIMEIRO BAILE

Recepção entusiástica pela população, nomeadamente escolar, seguida dos cumprimentos protocolares. Tomaram então conhecimento do programa: sessão de cinema, noite desportiva, visita às Quedas de Água, a Pundo Andongo e à Missão, terminando com um baile.

Ninguém queria acreditar. Na Metrópole nunca aquilo se fizera: um Baile promovido pela Mocidade. Maior espanto ainda, quando se viram as raparigas, estudantes ou não, acamaradarem com os rapazes — ram de Malange encantados com tudo o que lhes foi dado observar.

A hora já ia adiantada. O criado do café, a um canto, olhava furioso para mim e para os jovens que ainda conversavam. Eles compreenderam. Marcaram encontro para mais tarde. Saíram. Eu também.

(Continua no próximo número)

Visita de camaradagem

Os filiados do Centro Escolar n.º 1 da Ala de Castelo Branco, acompanhados pelo seu Director de Centro, Dr. Malcata Julião, visitaram a Covilhã, tendo-lhes sido oferecida uma merenda na Sala do Filiado deste Centro.

O CENTRO prestou homenagem a Nascimento Costa

A notícia da morte de João José do Nascimento Costa, um exemplo de vida pela coerência e patriotismo para quem milita na Mocidade Portuguesa foi sinceramente sentida por todos os nossos dirigentes e filiados.

No dia 25 de Janeiro, o Director de Instrução e Adjunto do Centro A.Q.G. Leite de Castro fez perante os Castelos formados a evocação de Nascimento Costa, referindo-se à sua acção como graduado e à sua morte gloriosa na torre de comando do Santa Maria.

A 28 do mesmo mês foi lida a todos os filiados a exortação que acompanhava a circular 213 do Comissariado Nacional.

O Centro mandou celebrar uma missa por alma de João José do Nascimento Costa no dia 8 de Fevereiro, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Celebrou a Santa Missa o Rev. Assistente Eclesiástico do Centro Padre José Baptista Fernandes.

No altar mor viam-se, prestando guarda de honra, filiados dos Centros 2 da M.P. e 1 da M.P.F.

Assistiram as mais representativas autoridades da Covilhã, muitos alunos de todos os estabelecimentos de ensino e imenso povo que enchia completamente o Templo.

O exemplo de Nascimento Costa — exemplo na vida, exemplo na morte — não será esquecido por nós.

A FESTA DO PATRONO

Maria Fernanda Frazão recita «O Teatro da Boneca»

Miranda Garcia e Campos Mouta no Concurso

Mais uma vez os filiados do nosso Centro prestaram homenagem ao seu Patrono, Duarte de Almeida, o heróico Decepado da Batalha de Toro.

As comemorações, transferidas este ano de 2 para 4 de Março, tiveram início na apresentação de cumprimentos ao Director de Centro a quem o A.Q.G. Leite de Castro ofereceu a medalha comemorativa do Centenário de Nuno Álvares.

Celebrou-se, depois, uma Missa em S. Francisco a que assistiram os Dirigentes do Centro, a Subdelegada Regional da M.P.F., o Corpo Docente do Liceu, o Comandante da Divisão de Castelo Branco, C. B Vítor Boga, além dos filiados e muitos alunos.

Na homília o A.Q.A.R. Padre Baptista Fernandes proferiu uma exortação patriótica, chamado a atenção de todos para os seus deveres de católicos e portugueses.

Pelas 15 horas teve lugar no ginásio do Liceu uma sessão solene, a que presidiu o Sr. Dr. José Ranito Baltazar, Presidente da Câmara Municipal da Covilhã, ladeados pelos srs. Dr. José Catanas Diogo, Delegado Distrital da M.P.; Eng. Ernesto Melo e Castro, Subdelegado Regional; Dr. José Abrantes da Cunha, Director do Centro Escolar n.º 2 e o Comandante deste Centro.

Entre a assistência viam-se o Rev. Arcipreste Padre José de Andrade; José Nunes Torrão, Procurador à Câmara Corporativa; os Comandantes da P.S.P., G.N.R. e Legião Portuguesa; Dr. Castro Martins, Director do Colégio Moderno e do Centro Escolar n.º 3; muitos professores de todos os estabelecimentos de ensino, Comandantes da Divisão, da Ala e dos Centros Escolares n.ºs 1 e 3, antigos graduados do nosso Centro, além de muitos alunos e suas famílias, que se quiseram associar a esta festa.

Depois da leitura da Ordem de Serviço n.º 25, o Comandante de Centro dirigiu uma breve saudação ao Sr. Dr. Abrantes da Cunha e o Senhor Reitor, em seguida, agradeceu a todos a sua presença, tendo para o Dr. Carlos Coelho uma referência especial.

Transcrevemos, noutro lugar, integralmente, as palavras que nos dirigiu o Dr. Carlos Coelho, e que toda a assistência acompanhou com o maior interesse.

O nosso Delegado Distrital, depois de ter oferecido ao Presidente da Câmara a medalha comemorativa do Centenário de Nuno Álvares, procedeu à imposição das insígnias aos novos arvorados que frequentaram, com aproveitamento, o curso «Salvador Correia de Sá». O Senhor Presidente da Câmara, amigo honorário deste Centro, encerrou a sessão. Agradeceu a lembrança do Delegado Distrital e felicitou a todos os que colaboraram na festa.

Representou-se, em seguida, a peça «O Príncipe das Mãos vazias» de Adolfo Simões Müller e uma adaptação humorística do concurso «Diga, Diga...», a que se chamou «Não diga, não diga que é proibido».

O coro feminino e o conjunto instrumental do Centro executaram alguns dos seus números, no intervalo dos quais, se ouviram recitativos por Fernanda Frazão e Campos Mouta, que declamaram respectivamente, «O Teatro da Boneca» de Carlos Queirós e «Exortação» de Couto Viana.

Leram-se ainda as tradicionais Desordens de Serviço, Abcedário e Boletim Mentirológico, onde os filiados do Centro deram, como é hábito, as suas piadas aos Dirigentes.

Paulo Proença
(C. C.)

Jorge Teixeira no papel de «Bobo»

Uma cena da peça «O Príncipe das Mãos Vazias»

Palavras do Dr. Carlos Coelho

(Continuação da 2.ª página)

inspiração do momento, no conjunto das palavras que vos foram avivar, o sentido integral da Organização, e a Mocidade vos foi mostrada na plenitude dos seus patrióticos objectivos.

Gosto pelo trabalho e espírito de servir, respeito, obediência e disciplina, lealdade, amizade e camaradagem foram expressões que repetidamente ressoaram aos vossos ouvidos.

E todos, todos os que vos falaram, tiveram uma única preocupação: a de vos apontar os caminhos do bem, do dever e da honra.

A Mocidade pretende fazer de vós homens de corpo são e espírito sadio; homens de alma generosa e carácter íntegro; homens de vontade firme e crença inabalável. E, se assim fordes, então, estamos seguros de que sabereis servir até ao sacrifício, os grandes ideais que a Mocidade vos aponta.

Tudo isto o ouvistes e eu também.

Mas aquilo que mais me impressionou, aquilo por onde decisivamente, pude aferir das virtudes da Mocidade, não foi expresso em palavras; contemplaram-no os meus olhos extasiados, perante uma magnífica realidade, que nem os incrédulos ou maldizentes ousariam apoucar ou desmentir.

No jantar de confraternização, que nos reuniu, eu vi, lado a lado, em franca camaradagem, unidos por idêntico entusiasmo, os graduados de hoje, com os graduados de ontem. Deixaram as vossas fileiras há muitos anos; percorreram os caminhos da vida; fizeram-se homens, quiçá têm já filhos entre os filiados de agora. Não sei, nem cuido saber, donde vieram; os quadrantes onde se situam; ou as convicções que professam. Só vi que o clarim da Mocidade os alertou e eles gritaram: Presente! Porquê? Porque a Mocidade não divide, mas une! Porque tudo o que, mesquinhamente, possa separar-nos, se dissipa e se abate perante a grandeza das verdades eternas, que a Mocidade proclama e defende: Deus, Pátria e Família. Esta é a grande lição, esta é a grande força da Mocidade Portuguesa!

Quando tanta juventude, revoltada e desorientada, não encontra o credo, que preencha o seu vazio espiritual, vós conheceis o rumo salvador, a bandeira que há-de guiar-vos no combate — Deus, Pátria, Família. Procurai servi-la e defendê-la, até ao sacrifício total, como outrora o fez o vosso patrono, o heróico Alferes-Mor, Duarte de Almeida.

Rapazes da Mocidade Portuguesa! Tendes sobretudo o exemplo dos nossos mortos que vos olham. Sabei ser dignos do seu heroismo e da sua glória. Com denodo, com entusiasmo, com galhardia, para a grandeza e perenidade do nosso Portugal, uno e indivisível, que Deus quis distribuído pelas sete partidas do Mundo!

PERMUTA

Honraram-nos com a sua permuta o «Notícias da Indonésia» e o «Teixoso Unido» distinção que muito agradecemos.